



Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos



Sinodalidade: Espiritualidade Salesiana

Madre Yvonne Reungoat, FMA, Superiora Geral

Foi com agrado que recebi o convite para partilhar a experiência e a visão do discernimento em comum e da sinodalidade na espiritualidade salesiana. Devo de imediato precisar que nas nossas fontes não temos uma elaboração teórica e sistemática deixada pelos nossos Fundadores, mas uma experiência de vida, uma práxis radicada no carisma que é um dom de predileção pelos pequenos, os pobres, especialmente os jovens, as mulheres.

S. João Bosco e S. Maria D. Mazzarello, movidos pelo Espírito Santo e com a intervenção direta de Maria Auxiliadora, tornaram perceptível aos jovens a presença de Jesus Bom Pastor, Aquele que conhece, que chama pelo nome, que dá a vida com abundância.

Vivemos o carisma em comunidade e como comunidade animada pelo Espírito de Família. Nessa encontramos os espaços para rezar, pensar, projetar, trabalhar e celebrar juntos, valorizando e integrando os contributos das diversas gerações. O nosso estilo de relação é inspirado no humanismo cristão de São Francisco de Sales que os nossos fundadores procuraram elaborar em modo vital e que, de geração em geração, se enriquece na escuta dos novos desafios educativos, e em sintonia com o caminho da Igreja. Em rede com tantas mulheres leigas e religiosas procuramos testemunhar na sociedade hodierna *um novo feminismo evangelicamente inspirado* (cf *Evangelium Vitae* 99) e de educar a mulher a construir em reciprocidade com o homem, uma cultura da vida, do encontro, da reciprocidade.

O evento do Concílio Vaticano II, com a riqueza da sua reflexão sobre a dignidade e vocação da pessoa no projeto de Deus e sobre a eclesiologia de comunhão, exigiu do nosso Instituto uma reflexão mais profunda sobre a globalidade e a complexidade da questão educativa que é sempre um evento coral, que requer sinergia, coordenação, sinodalidade.

Nesta perspetiva, ao longo destes anos, maturou-se no Instituto uma nova modalidade de animação e de governo que chamamos *coordenação para a comunhão*. Isto aconteceu depois de um longo e paciente trabalho de reflexão e de diálogo, sobretudo nos Capítulos gerais depois do Vaticano II e agora formulado no *Projecto Formativo* das Filhas de Maria Auxiliadora: “A coordenação, sendo essencialmente uma ação ordenada para a procura feita em conjunto, facilita a unificação pessoa e a convergência comunitária, exige e favorece uma mentalidade projetual que requer sérias e contínuas confirmações, é uma estratégia relacional que desperta energias latentes, consente uma maior agilidade organizativa. Já que a coordenação é fundamentalmente um modo de estar diante do outro, isso conota a vida pessoal e as relações”.¹ E este estilo de procura em conjunto baseia-se sobre um caminho de discernimento à luz da Palavra de Deus, escola interior

¹ *Projeto formativo* 136-137

que plasma a vida segundo o Espírito e é, ao mesmo tempo, fonte de audácia missionária, enquanto sustém o empenho de elaborar novas respostas para as novas pobreza do mundo de hoje. (cf VC 73).

Na escola dos fundadores: S. João Bosco e S. Maria D. Mazzarello

Os Fundadores do Instituto estão convencidos que a vontade de Deus se descobre na oração, num processo de escuta do Espírito e num caminho concreto de envolvimento das pessoas e da comunidade. Sem usar o termo *sinodalidade*, eles inauguraram na prática um estilo sinodal para a comunhão e a missão educativa.

Dom Bosco, homem guiado pelo Espírito Santo, estava muito atento aos sinais de Deus nas circunstâncias e nos eventos. A quem lhe pedia, por exemplo, qual era o seu método pedagógico, ele respondia assim: “*Fiz sempre como Senhor me inspirava e as circunstâncias exigiam*”.²

A fidelidade a este critério de discernimento acompanhou-o inclusive na fundação do nosso Instituto.

Depois de um longo caminho de oração e de discernimento pessoal, envolveu o Conselho geral dos Salesianos, na altura chamado *Capítulo superior*. Interpelou e envolveu todos num processo de discernimento: “Em maio de 1870, Dom Bosco, reunido o Capítulo, recomendou que rezassem por um mês a fim de obter a iluminação necessária para saber se devia ocupar-se das meninas, como a cada passo lhe era solicitado. Terminado o mês, reuniu de novo o Capítulo, pedindo a cada um o próprio parecer, todos estavam de acordo que era conveniente realizar também este bem”.³

Quando percebeu que esta era a vontade de Deus, meteu mãos ao trabalho e envolveu muitas outras pessoas; deu confiança e responsabilidade a Maria Domenica Mazzarello, cofundadora do Instituto; envolveu dom Domenico Pestarino, sacerdote diocesano, que há alguns anos acompanhava o grupo das Filhas de Maria Imaculada em Mornese; solicitou a colaboração das Irmãs de Santa Ana fundadas pelos Marqueses de Barolo para redigir as Constituições do Instituto e para dar consistência à vida religiosa nos primeiros tempos em Mornese; escolheu os diretores Salesianos que tinham a missão de assegurar a qualidade da vida espiritual da comunidade e empenhou-se em forjar um clima de família onde cada um, ainda que jovem, se sentisse corresponsável por uma missão comum.

Em Dom Bosco, portanto, as FMA têm um modelo de escuta do Espírito e de envolvimento das pessoas. É interessante que dom Bosco, na qualidade de Fundador, não é o único a aplicar a sua inspiração originária, não entra em especificações de pormenor durante o processo de fundação, mas faz de modo a que outros intervenham, mesmo que seja ele o primeiro realizador da obra. Permite que a própria vida da primeira comunidade contribua na sua configuração. Não redige de modo exclusivo as Regras, mas pede o contributo de outros, não deixando de assumir o papel de legislador. Ele sabe acolher e “servir-se”, em certo sentido, de todos os estímulos que encontra nas circunstâncias da história, para levar a cumprimento uma obra que sabe ser de Deus. Sabe esperar os tempos longos, esperar que as pessoas e os projetos cumpram os seus ritmos de maturação, sabe conceder espaços de autonomia e de liberdade a dom Pestarino, a Maria D. Mazzarello e as

² *Memórias biográficas de dom Bosco* XVIII, 127.

³ SACRA RITUUM CONGREGATIO, TAURINEN, *Beatificationis et canonizationis Servi Dei Joannis Bosco Sacerdotis Fundatoris Piae Societatis Salesanae. Positio Super Virtutibus. Summarium*, Romae, Typ. Salesiana, s.d., 68.

suas jovens irmãs. É, também, como Fundador, um verdadeiro educador, que faz crescer e responsabiliza as pessoas.⁴

A primeira comunidade das FMA em Mornese configurou-se, desde os inícios, como uma comunidade aberta e coordenada, onde raparigas, educadoras religiosas e leigas e diretores espirituais partilham o mesmo projeto em recíproca atitude de confiança, de corresponsabilidade na procura da vontade de Deus. Tudo isto parte da consciência que em cada pessoa há recursos que esperam ser despertados e valorizados para exprimirem-se plenamente para glória de Deus e a serviço da comum missão educativa.⁵

O envolvimento e a corresponsabilidade, a valorização dos recursos de cada pessoa é evidente, seja nos momentos feriais, seja perante decisões importantes nas quais se valoriza o contributo de cada pessoa. Madre Mazzarello, ela própria, permanecerá sempre como modelo do estilo de quem confia e suscita a participação e a corresponsabilidade de todas as irmãs e jovens. De facto, não só ela, enquanto madre e superiora, tem tanto a comunicar às irmãs e raparigas que lhe são confiadas, mas também elas têm tanto a dizer-lhe e a ensinar-lhe. Ela permanece atenta a esta escla de vida e portanto dirige a irmãs e raparigas uma sábia pergunta típica de quem vive em constante procura: “O que pensas?”. O que é que tu farias neste caso?”.

Logo na primeira conferência semanal, depois da fundação do Instituto, solicita às irmãs a “serem-lhe de ajuda e conselho; e por isso cada uma devia e devia manifestar as próprias perspectivas e opiniões, afim de que tudo pudesse proceder da melhor forma”.⁶ Esta atitude cria um clima benéfico, onde cada pessoa sabe que é acolhida, escutada e amada e portanto se mostra tal como é, sem medos. Ao mesmo tempo, cada uma amadurece ao assumir com responsabilidade o empenho de dar o próprio contributo para a construção da comunidade, ainda que se distingam os papeis e funções de cada uma.

Este estilo participativo na organização comunitária e na missão moldou a comunidade desde a origem até hoje e, quando situações de rigidez e de individualismo ao longo dos anos ameaçaram a vida do Instituto e a fidelidade ao carisma, estas situações foram superadas no confronto com o Evangelho, com o magistério da Igreja e com a arte comunicativa e de animação de dom Bosco e da madre Mazzarello e dos seus sucessores.

Uma prática de discernimento em sinodalidade

O discernimento é um elemento constitutivo da vida e da missão do Instituto das FMA. Os nossos Fundadores eram pessoas de discernimento que — como vimos — tinham a arte de suscitar o envolvimento e a corresponsabilidade. Em muitos Capítulos gerais o discernimento foi sublinhado e proposto à reflexão da comunidade. Foi sobretudo o Capítulo geral XXI (2002) que escolheu o tema do *discernimento como estratégia, via e força de transformação*.⁷

A atitude de discernimento habilita à escuta sapiencial e à leitura crente da realidade na quotidiana experiência de Deus. Isto requer uma vida de oração, escuta profunda de Deus na Palavra; releitura da nossa vida, do quotidiano, dos acontecimentos à luz da Palavra e do carisma para colher os passos do Senhor, os

⁴ Cf POSADA Maria Esther, *Don Bosco Fondatore dell’Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice*, in MIDALI Mario (a cura di), *Don Bosco Fondatore della Famiglia Salesiana. Atti del Simposio (Roma-Salesianum, 22-26 gennaio 1989)*, Roma, Edi-trice S.D.B. 1989, 303 e ss.

⁵ cf ISTITUTO FIGLIE DI MARIA AUSILIATRICE, *Nei solchi dell’Alleanza. Progetto formativo delle Figlie di Maria Ausiliatrice*, Leu-mann (TO), Elledici 2000, 133-135. A partir de agora abrevio: *Projeto formativo*, seguido do número da página.

⁶ *Cronistoria dell’Istituto FMA II*, 11.

⁷ *Atti CG XXI (2002)*, n. 30.

seus apelos à conversão permanente e à liberdade interior; empenho no projeto pessoal, comunitário e educativo.⁸

Gostaria agora de exemplificar a modalidade concreta com a qual o Instituto vive o discernimento num constante processo de sinodalidade.

- **O colóquio pessoal com a Superiora:** é entendido como um momento privilegiado para reforçar a comunhão, para descobrir a vontade de Deus e aprofundar na vida prática o espírito do Instituto. É um elemento insubstituível — segundo o pensamento de dom Bosco — para o crescimento pessoal e comunitário na identidade da FMA.⁹

- **O discernimento comunitário:** é uma forma de participação e de forte corresponsabilidade. Cada uma é chamada a dar o próprio contributo para as melhores escolhas, aceitando com serenidade o eventual sacrifício de opiniões e iniciativas pessoais. A Superiora anima esta procura de modo a promover a união fraterna e a tomar, quando entende necessário, as decisões conclusivas que mais favorecem as atuações da missão comum. Cada FMA é chamada a tomar como próprias tais decisões e a colaborar para realizá-las.¹⁰

- As Cartas circulares mensais da Superiora geral. É encontro mensal, de caráter oficial e formativo e, dependendo dos eventos, é também meio de informação. Através das circulares a Superiora chega às comunidades comunicando orientações e reflexões prevalentemente de caráter operativo, que dizem respeito ao carisma e à missão do Instituto e em profunda sintonia com o caminho da Igreja e da vida consagrada hoje. As circulares tornam-se, assim, espaço privilegiado de encontro, de confronto, de abertura aos sinais dos tempos. São uma significativa modalidade de comunhão e de acompanhamento no Instituto.

- **Projeto comunitário, verificações comunitárias e inspeções:** são momentos significativos onde as comunidades e as Inspetorias procuram em conjunto os caminhos para viver no concreto do quotidiano a missão e depois verificam o percurso à luz da palavra de Deus e dos passos realizados.¹¹ Nos ambientes educativos sente-se a importância da escolha dos colaboradores leigos e oferece-lhes a possibilidade de uma preparação gradual, para que se tornem corresponsáveis das programações e das metas educativas segundo o espírito do “sistema preventivo”.¹² Tais experiências de discernimento, programação e verificação são entendidos momentos-chave de participação a todos os níveis porque possibilitam o confronto, a reflexão e a procurar caminhos mais oportunos para viver e trabalhar juntos na fidelidade ao carisma na pluralidade das situações.¹³

- **O Conselho a nível local e inspetorial** é um espaço privilegiado de participação, de discernimento e corresponsabilidade. É uma escola de formação porque favorece a maturação na relação interpessoal, na missão partilhada e na capacidade de governo. Possibilita a escuta da realidade e do Espírito na procura partilhada das escolhas adequadas.

- **O Conselho geral:** A modalidade organizativa do Conselho Geral espelha a estratégia de discernimento segundo a *coordenação para a comunhão* que comporta partilha de reflexões, discernimento cuidado,

⁸ *Atti CG XXI* (2002), n. 34.

⁹ Cf *Costituzioni* art. 34; *AMBITO PER LA FORMAZIONE, Il colloquio personale momento privilegiato per la crescita personale e comunitaria nell'identità di FMA*, Roma, Istituto FMA 2020.

¹⁰ Cf *Costituzioni FMA*, art. 35.

¹¹ Cf *Regolamenti FMA*, art. 24 e 55.

¹² Cf *Regolamenti FMA*, art. 59.

¹³ Cf *Progetto formativo*, 147.

colaboração com as irmãs que fazem parte dos vários âmbitos de animação e governo, encontros informais e/ou programas, encontros de assembleias de colaboradoras com o Conselho geral. A partilha e atuação de empenhos comuns fortalece os vínculos de colaboração, suscita energias novas, alimenta a convergência, permite evitar setoralismos e percursos paralelos que podem gerar confusões nas Inspetorias.¹⁴

– **O Capítulo Geral:** é uma experiência importante de discernimento da vontade de Deus para o Instituto, vivida num significativo processo de sinodalidade. A sua concretização é um momento forte de verificação, reflexão e orientação para uma procura comunitária da vontade de Deus. Cada Irmã é chamada a deixar-se envolver neste processo, dando o seu próprio contributo. As irmãs que são chamadas a representar todas as Inspetorias e Vistorias do mundo, na escuta humilde do Espírito, estudam os problemas relativos às diversas situações sócio-culturais, para tomarem juntas decisões que aumentem a vitalidade do Instituto, na fidelidade ao espírito das origens e aos desafios dos vários contextos.¹⁵

A mesma modalidade metodológica de envolvimento e preparação do Capítulo Geral é aquela que parte da experiência concreta das comunidades que refletem sobre o tema do Capítulo na docilidade ao Espírito e na atenção às várias situações. Uma equipa internacional recolhe as contribuições das comunidades e elabora o *Instrumento de Trabalho* do Capítulo Geral. Assim, a reflexão capitular não se constrói à mesa, mas reflete a vida do Instituto com as suas esperanças, dificuldades e diferenciações segundo os vários continentes. As decisões que são tomadas pela Assembleia capitular são propostas às realidades das comunidades para que as façam objeto de partilha, de escolhas e se tornem vida.

Num Instituto intercultural como o nosso (estamos presentes em 97 países dos cinco continentes), na dinâmica capitular é necessário dedicar um tempo para que todos se expressem e haja uma compreensão mútua suficiente para manter e cultivar a comunhão a partir da diversidade.

– **Conferências interinspetorial:** são uma realidade nascida do empenho de grupos de Inspetorias do mesmo espaço territorial ou cultural em partilhar caminhos e projetos em ordem à formação e missão. Essas Conferências promovem processos de reflexão e pesquisa sobre problemas comuns. Há a vantagem, nestes níveis, da comparação entre as várias culturas e, conseqüentemente, de se conseguir um olhar mais amplo sobre as realidades em que se opera¹⁶ e de poder encontrar formas de inculturar certos processos iniciados pelo Instituto a nível geral.

– **O envolvimento do Instituto na reflexão e elaboração dos documentos através de uma metodologia interativa e envolvente:** como foi o caso do *Projeto Formativo* do Instituto das FMA (2000);¹⁷ as *Linhas Orientadoras da missão educativa das FMA* (2008);¹⁸ as *Diretrizes para a gestão económica do património do Instituto* (2017),¹⁹ as *Diretrizes para a fase formativa do Ensino Médio* (2017);²⁰ do documento sobre a *Entrevista pessoal* (2020)²¹ e outros documentos. Na reflexão envolveram-se individualmente as FMA, comunidades, formadores, comunidades formadoras, comunidades educativas, jovens e, em alguns

¹⁴ Cf *Progetto formativo* 141-142.

¹⁵ *Costituzioni FMA*, art. 135

¹⁶ Cf *Progetto formativo* 143.

¹⁷ Cf *Progetto formativo* 9-10.

¹⁸ Cf ISTITUTO FIGLIE DI MARIA AUSILIATRICE, *Perché abbiano vita e vita in abbondanza. Linee orientative della missione educativa delle FMA*, Leumann (TO), Elledici 2005; Cf BORSI Mara, *L'animazione della Pastorale Giovanile nell'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice (1962-2008)*, Roma, LAS 2010.

¹⁹ Cf ISTITUTO FIGLIE DI MARIA AUSILIATRICE- AMBITO ECONOMATO GENERALE, *Orientamenti per la gestione economica dei beni nell'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice*, Roma, Istituto FMA 2017.

²⁰ Cf ISTITUTO FIGLIE DI MARIA AUSILIATRICE, *Orientamenti per la tappa formativa dello Iuniorato*, Roma, Istituto FMA 2017.

²¹ Cf ISTITUTO FIGLIE DI MARIA AUSILIATRICE, *Il colloquio personale momento privilegiato per la crescita personale e comunitaria dell'identità di FMA*, Roma, Istituto FMA 2020.

documentos, também leigos. Os critérios que orientaram a reflexão desde o início foram os da escuta da realidade, do envolvimento, da participação, do confronto intergeracional e intercultural, da fidelidade criativa ao carisma e ao magistério da Igreja e do Instituto. Os caminhos de elaboração destes documentos foram para o Instituto um momento forte de formação permanente, uma oportunidade de crescimento na reciprocidade e na comunhão, uma experiência do Espírito Santo.²²

– *O processo de nova configuração das Inspetorias em algumas partes do Instituto.* Um outro exemplo concreto de discernimento e sinodalidade no Instituto é o processo que levou à unificação de algumas Inspetorias, como é o caso, por exemplo, do Brasil. Passou de nove Inspetorias para quatro. Todo o processo começou com duas perguntas / provocações da Superiora Geral, e depois viu todas as comunidades envolvidas na reflexão e nas etapas concretas. A partir da entrega “*Ressignificar o carisma no Brasil*”, iniciou-se o caminho de ressignificação da presença das FMA naquele grande país. “*Foi um momento fecundo de abertura ao Espírito, de atenção às questões que surgem do mundo juvenil brasileiro, de procura comum do que melhor poderia garantir a continuidade da presença educativa nas novas condições das nossas comunidades religiosas e educativas, na realidade histórica, social e económica do Brasil no Terceiro Milénio*”. A necessidade de partilhar o carisma entre as FMA, os leigos e os jovens, dentro de uma nova estrutura de animação, capaz de responder aos apelos da missão educativo-evangelizadora, levou à nova configuração de quatro Inspetorias.

Importância de gerir o desacordo e o conflito e formar uma atitude aberta

Discordância e conflito são possíveis num processo de discernimento. É importante dar tempo e oportunidade para se expressar, para permitir que até os pensamentos divergentes se instalem, para ouvir com atenção e respeito; maturar as escolhas e decisões na reflexão e na oração; focar-se no que une, na consciência de que a unidade prevalece sobre o conflito (cf EG 226).

Nestes momentos a prudência de quem anima o processo (Superiora da comunidade ou da Inspetoria...) é decisiva para promover a comunhão, respeitar a liberdade de cada pessoa e tomar, quando o julgar necessário, as decisões finais que mais favoreçam o implementação do projeto comum.²³ No estilo da sinodalidade, é necessário acolher a diferença e os pontos de vista como um valor. Eles não devem ser negados ou dissimulados, mas aceites. O importante é não perder de vista a perspectiva que é a comunhão. Para chegar à convergência e ser pessoas de comunhão e reconciliação, apesar dos diversos pontos de vista, as irmãs são chamadas a progredir nos caminhos do diálogo, da clareza, da hospitalidade mútua, num processo constante de conversão do coração e da mente segundo o Evangelho.

O “espírito de família” e a “paixão pela missão” abrem o coração às dimensões de Deus e fazem superar as visões parciais para chegar à convergência. Nesse sentido, “é possível resolver e transformar o conflito em elo de um novo processo” (cf EG 226).

Discordância e conflito, se bem geridos, podem tornar-se oportunidades de crescimento para todos: podem despertar reflexão, percepções, novas pesquisas; pode ser uma ocasião de verificação para ver se estamos nas pegadas do carisma, ou fechados, ou presos nos nossos “pensamentos” e “visões”. A discordância e o conflito podem, então, ajudar a fazer a passagem pascal de saída do “eu” compreendido individualmente para o “nós” comunitário / eclesial.²⁴

²² Cf COLOMBO Antonia, *Lettera circolare n. 798*, dell’11 febbraio 2008, in DE VIETRO Franca (a cura di), *In comunione su strade di speranza. Circolari di Madre Antonia Colombo*, Milano, Paoline 2009, 121.

²³ Cf Costituzioni FMA, art. 35.

²⁴ Cf SINODO DEI VESCOVI, *I Giovani, la fede e il discernimento vocazionale. Documento finale*, Leumann (TO), Elledici, 2018, 128.

Para viver esta lógica é fundamental lutar sempre pelo objetivo: somos uma comunidade para a missão. E isso requer a consciência de que cada comunidade é uma comunidade apostólica na qual se partilham as preocupações e as esperanças, a oração, os objetivos da ação pastoral e os bens materiais, em vista à missão do Instituto. Isso exige vontade de participar, corresponsabilidade e comunicação mútua, num confronto sereno e leal e numa integração harmoniosa dos valores pessoais.

Intuições-chave da tradição e prática espiritual que são úteis para o desenvolvimento da sinodalidade e do processo sinodal na Igreja neste momento

- * Escuta atenta de Deus, das pessoas e da realidade em constante mudança;
- * A *coordenação para a comunhão* como estilo de animação próprio de quem acredita que em cada pessoa existem recursos que devem ser valorizados e desenvolvidos ao serviço da missão comum;
- * O espírito de família que cria um ambiente de confiança e abertura; de reciprocidade e corresponsabilidade;
- * O acolhimento e a valorização das diferenças;
- * A escuta, o diálogo sincero e aberto, o discernimento no Espírito Santo, a oração, o planeamento e a formação partilhada podem favorecer um caminho “juntos” e a construção de um “nós” inclusivo em vista à missão.
- * A consciência de que como comunidade / Instituto somos “o povo de Deus em caminho”. Temos consciência e responsabilidade de termos recebido um carisma para o bem e a vitalidade da Igreja. Portanto, vivemos a comunhão no Instituto como povo de Deus; não numa comunidade autorreferencial e fechada em si mesma, mas aberta à missão da Igreja e na Igreja.
- * A sabedoria mediadora de quem se constitui em autoridade tanto ao nível do acompanhamento dos indivíduos como ao nível da comunidade.